



DA LITERATURA PARA A HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DE “THE CHRONICLES OF ICE AND FIRE” DE GEORGE R. R. MARTIN COMO INSPIRAÇÃO PARA UM ESTUDO DA HISTÓRIA MEDIEVAL DE GEORGES DUBY

Elaine Cristina Senko¹

Resumo

Este artigo visa demonstrar as conectividades entre a literatura contemporânea criada por George R. R. Martin, *As Crônicas de Gelo e Fogo (livros 1, 2, 3, 4, 5)*, e a história medieval. O historiador que colocaremos em diálogo neste texto será Georges Duby e suas obras mais famosas. Portanto, vamos refletir como a literatura contribui para o encaminhamento histórico sobre a Idade Média plena.

Palavras-chave: George R. R. Martin; Crônicas de Gelo e Fogo; Georges Duby; Idade Média; História.

Abstract

This article aims to demonstrate the connectivity between contemporary literature created by George R. R. Martin, *The Chronicles of Ice and Fire (books 1, 2, 3, 4, 5)*, and medieval history. The historian who put in dialogue in this text will be Georges Duby and his most famous works. So let's reflect how the literature contributes to the historical path of the Middle Ages full.

Keywords: George R. R. Martin; Chronicles of Ice and Fire; Georges Duby; Middle Ages; History.

Recebido em: 20/04/17

Aprovado em: 04/08/17

¹ Doutora em História Medieval PPGHIS UFPR. Curitiba/PR; Brasil; Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=W0140558>
E-mail: elainesenko@yahoo.com.br



*"Um leitor vive mil vidas antes de morrer.
O homem que nunca lê vive apenas uma".
(Jojen Reed,
Livro 5: A Dança dos Dragões,
George R. R. Martin).*

O reconhecimento da obra de George R. R. Martin (1948-) é global e revela uma grande interesse por parte dos leitores pelo universo medieval. A obra *As Crônicas de Gelo e Fogo* (livros 1, 2, 3, 4, 5), escritos de 1991 – 2011 sem final ainda publicado, abrem caminho através da literatura para uma análise posterior para o passado medieval de fato. Os personagens ícones da referida obra pertencem a Casas próprias dentro do universo de Westeros como os Targaryen, Baratheon, Stark, Lannister, Arryn, Tully, Tyrell, Greyjoy, Martell e são eles (Daenerys Targaryen; Robert/Stannis/Renly Baratheon; Eddard Stark e Catelyn Stark e a saga de seus filhos: Robb, Sansa, Arya, Bran, Rickon; além do filho bastardo de Eddard Stark, Jon Snow; aos Lannister conferem os seguintes personagens como Twin Lannister e seus filhos: Cersei, Jaime e Tyron; Jon Arryn e Lysa Arryn; Catelyn e Lysa eram da Casa dos Tully antes de se casarem; os Tyrell terão uma proposta de ascensão como donos de Porto Real; os Greyjoy são representados principalmente por Theon e a Casa Martell (a casa mais ao sul que lembra em muito a Andaluz do passado medieval). Este são os personagens articuladores ao lado dos sagazes Varys e Mindinho e os cavaleiros Selmy Barristan e *sor* Jorah Mormont. Destaca-se na Muralha além de John Snow, seu amigo Samwell Tarly e seu antigo Comandante Mormont. A fronteira de Westeros está com a Muralha e depois dela com os selvagens e onde se encontram os “Outros” e ao lado de Westeros está o lado que podemos chamar “oriental”. George R. R. Martin cria um universo próprio e se inspira em grandes sagas, como as produzidas por J. R. R. Tolkien mas não fica preso a esse passado. Martin produz um mundo literário próprio com uma ambientalização medieval e versatilidade de nosso tempo. Mesmo com o uso de elementos míticos como a presença de dragões zelados pela personagem de Daenerys Targaryen, Martin não deixa de ensinar ao seu público o que é um ritual de vassalagem



perante o rei ou o significado da manutenção ou quebra da honra para um cavaleiro. Por isso a obra de Martin faz uma importante introdução a história medieval na medida em que gostamos de certo tempo histórico primeiro por prazer de voltar no tempo, mesmo ele sendo fictício. Por isso para entendermos de fato os aspectos medievais tratados na obra de George R. R. Martin vamos seguir adiante, da literatura para a história, para as análises de Georges Duby.

A Idade Média é um momento da história que possuiu um panorama de intensos contatos entre homens e mulheres. De sábios bizantinos, por exemplo, viajando de Constantinopla até Córdoba no século XI para consultar os livros da biblioteca califal ou de cavaleiros que decidiram fixar residência na Palestina nas Primeiras Cruzadas. Propulsor dessas pesquisas historiográficas foram as obras de Georges Duby (1919-1996), um assíduo leitor das obras de Jules Michelet². As obras mais importantes deste medievalista são: *O Ano Mil* (1967), *O Domingo de Bouvines* (1973), *As Três Ordens ou O Imaginário do Feudalismo* (1978), *O Cavaleiro, a Mulher e o Padre* (1981) e *Guilherme Marechal ou O Melhor Cavaleiro do Mundo* (1984). Essa seleção baseou-se na parte das obras de Georges Duby mais ligadas ao ambiente feudal e militar que possuem o subtexto histórico para o ambiente literário de George R. R. Martin em *As Crônicas de Gelo e Fogo* (1, 2, 3, 4, 5). Desejamos que o leitor aproveite a leitura deste texto como um incentivo para a busca dessas obras completas de George R. R. Martin e Georges Duby.

² Vejamos o estilo de narrativa que Georges Duby assimilou de Jules Michelet: “Eis o que nos pede a França, a nós, historiadores: não que façamos a história – ela está feita nos seus pontos essenciais; moralmente, os grandes resultados estão inscritos na consciência do povo -, mas que restabeçamos a cadeia dos fatos, das ideias de onde saíram esses resultados: “não vos peço”, diz ela “que formeis minhas crenças, que diteis meus julgamentos; cabe a vós recebê-los e conformar-vos a eles. O problema que vos proponho é o de me dizer como cheguei a julgar assim. Agi e julguei; todos os intermediários entre essas duas coisas pereceram em minha memória. Cabe a vós adivinhar, meus magos! Não estivestes presentes, eu estive. Pois bem, quero, ordeno que me conteis o que não vistes, que me ensineis meu pensamento secreto, que me digais pela manhã o sonho esquecido da noite”. Grande missão da ciência e quase divina! Ela jamais bastaria para isso se fosse apenas ciência, livros, penas e papel. Não se adivinha uma tal história senão ao refazê-la com o espírito e a vontade, ao revivê-la, de modo que não seja uma história, mas uma vida, uma ação. Para redescobrir e relatar o que esteve no coração do povo só há um meio: é ter o mesmo coração”. In: MICHELET, Jules. Do método e do espírito deste livro. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. Jules Michelet. **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX.** MALERBA, Jurandir (org.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p.108-109.



No livro 1 de *As Crônicas de Gelo e Fogo*, intitulado *A Guerra dos Tronos*, George R. R. Martin nos apresenta um mundo literário de inspiração medieval que possui além das aventuras dos personagens icônicos um clima religioso contendo aqueles que acreditam nos deuses antigos da floresta, os deuses novos ou no Senhor da Luz. A religiosidade é um dos elementos que marcam um clima medieval³. O historiador Georges Duby na obra *O Ano Mil* (1967) trabalha no sentido da compreensão das mentalidades nesta época. O que foi percebido? Uma certa ansiedade dos homens pelo o que viria à ocorrer com seu futuro. Mas o medo também estava presente diante do que poderia ocorrer. Existiam nesta época dois tempos sendo desenvolvidos: 1. O tempo da Igreja (de sentido providencialista); 2. O tempo prático da natureza (de sentido cíclico das plantações). O Ano Mil é um tempo de espera e também de regeneração espiritual do homem. Ou seja, é o reino de Deus na terra:

Da época feudal, apenas resta uma única crônica que fala do Ano Mil como de um ano trágico: a de Sigeberto de Gembloux. Viram-se nesta época, lê-se neste texto, muitos prodígios, um terrível tremor de terra, um cometa de rasto fulgurante; a irrupção luminosa invadiu até ao interior das casas e, através de uma fractura do céu, apareceu uma imagem de uma serpente⁴.

A experiência mística fazia parte da mentalidade que circundava o Ano Mil. Eram interpretados fenômenos da natureza como sinais para o que viria a acontecer. Nessa época a leitura das estrelas era intensamente requisitada como previsão do presente e do futuro. Isso foi intensamente desenvolvido em toda a Idade Média. Por exemplo, um tempo mais para frente, na corte castelhana de Alfonso X, o Sábio (1221-1284), o estudo da Astronomia foi uma das mais desenvolvidas do medievo. Nesse sentido Duby aponta:

O desregramento é, primeiro de tudo, cósmico. Os analistas sempre haviam anotado com cuidado os meteoros. Raul Glaber e Adémar de Chabannes dão grande importância ao cometa de 1014, e ligam a este signo do fogo os incêndios que deflagram conjuntamente⁵.

³ MARTIN, George R. R. *As Crônicas de Gelo e Fogo (1: A Guerra dos Tronos)*. Tradução de Jorge Candeias. São Paulo: Leya, (edição de colecionador, 2014).

⁴ DUBY, Georges. *O Ano Mil*. Tradução de Teresa Matos. Lisboa: Edições 70, ed. 1986, p.37.

⁵ DUBY, Georges. *O Ano Mil*. Tradução de Teresa Matos. Lisboa: Edições 70, ed. 1986, p.105.



Este tempo apocalíptico é um tempo de espera. De espera e resignação perante Deus. Esse foi um dos momentos da história em que o homem realizou uma severa auto-reflexão sobre sua própria existência e ressurgiu para viver intensamente:

Deve-se situar nas mesmas perspectivas o desenvolvimento concomitante das peregrinações coletivas. Nos anos que precederam o Ano Mil, cresceu o hábito entre os maiores senhores do reino de França, de partir para longe, visitar um lugar santo, com os seus amigos, os padres e os vassallos⁶.

Dessa forma o olhar para o Ano Mil instiga o pesquisador a atravessar o medievo tendo consciência de seus medos e suas superações. Da mística explicativa até as relações humanas coletivas, a Idade Média de Duby possui um ritmo intenso.

As batalhas são essenciais para uma narrativa literária medieval, por isso George R. R. Martin dedica boa parte dos livros 2 (A Fúria dos Reis) e 3 (A Tormenta de Espadas) para criar o clima necessário para o embate em torno da conquista do chamado trono de ferro entre Joffrey Lannister, Robb Stark e Stannis Baratheon⁷. Para Georges Duby o evento de uma batalha histórica como Bouvines (1214) era realizado essencialmente por homens, pois a Idade Média foi um período em que eles se destacavam, principalmente, no campo militar. A batalha não era a guerra efetiva. Para Duby a batalha é um procedimento para a manutenção da paz. É necessária a batalha para a negociação das ações de ambos os lados. Além disso, o cavaleiro que participava destes confrontos era preparado e armado para enfrentar tais situações. A batalha de Bouvines ocorreu no dia 27 de julho de 1214, um domingo. Neste evento o rei da França, Filipe Augusto (1165-1223) derrotou uma coalizão liderada pelo rei da Alemanha, Oto (1175-1218). Essa obra também marca o “retorno” do acontecimento na tradição francesa dos *Annales*⁸. Mas voltemos aos homens em batalha de acordo com a observância de Duby:

⁶ DUBY, Georges. **O Ano Mil**. Tradução de Teresa Matos. Lisboa: Edições 70, ed. 1986, p.171.

⁷ MARTIN, George R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo (2: A Fúria dos Reis)**. Tradução de Jorge Candeias. São Paulo: Leya, (edição de colecionador, 2014); MARTIN, George R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo (3: A Tormenta de Espadas)**. Tradução de Jorge Candeias. São Paulo: Leya, (edição de colecionador, 2014).

⁸ A escola dos *Annales* possui três marcos fundamentais e que caracterizam a pluralidade de pensamentos inclusos nesse movimento historiográfico: **1.** O início do movimento com Bloch e Febvre em que foi



Todos os papéis são representados por homens, como convém ao teatro antigo. Mas, sendo o espetáculo militar, todos os personagens são efetivamente masculinos. Na verdade, poderíamos esperar encontrar aqui, ainda que na imprecisão de um segundo plano, aqueles bandos de mulheres de condições diversas que, como se sabe, seguiam nessa época todos os exércitos. Os exércitos dos cruzados tanto como os outros. Elas estão ausentes. Para Guilherme e para aqueles que o escutam, Bouvines é de fato um assunto sério, uma batalha, uma solenidade, uma cerimônia de certo modo sagrada. Sua imagem, como a das altas liturgias, só poderia ser viril⁹.

Os relatos que alguns homens de armas fizeram foram efetivos e ricos em verossimilhança. Mas um dos destaques de Georges Duby em *O Domingo de Bouvines: 27 de julho de 1214* (1973) é a problematização desses relatos:

O relato de Guilherme, o Bretão, não é o único testemunho. Outros há, contemporâneos ou pouco posteriores e que, embora independentes dele, o completam e permitem corrigi-lo em alguns pontos. Mais breves, diferem daquele por não refletir o ponto de vista da corte da França e por situar a batalha sob outra

ressaltado o contato com as ciências sociais e o uso de uma inteligibilidade da antropologia histórica. Para Bloch suas principais obras foram: *Les rois thaumaturges* (1924), *La société féodale* (1939) e depois de sua morte *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien* (1949). E para Febvre foram *Un Destin. Martin Luther* (1928); *Le problème de l'incroyance au XVI^e siècle. La religion de Rabelais* (1947) e *Combats pour l'histoire* (1952). Ocorreu uma mudança dos objetos de pesquisa com os *Annales*, pois eles passaram a ser inclusos numa perspectiva total e de sentido econômico-social. A interdisciplinaridade foi acolhida pelos *Annales* porque possibilitava ao historiador o estudo das coletividades e a superação do evento pela abordagem social. Assim a história tem sua utilidade e função social porque ela explica o que fomos e o que hoje somos no tempo. 2. A época dos estudos de Fernand Braudel (1902-1985), nos anos de 1950 à 1980, demarcou o pensamento da estabilidade advinda da geografia com o ritmo de mudanças da sociologia, se aproveitou de técnicas da estatística (o uso de fontes seriais como listas de batismo, por exemplo) para o levantamento de dados históricos, o uso de uma história global, da observação da estrutura e teorizou as três temporalidades (a curta, a média e a longa duração). Nesse sentido a longa duração teria maior importância do que o evento de curto ou médio tempo (um combate direto ao relato histórico de um grande acontecimento e às biografias de homens ilustres, ou seja, uma prática da história científica do século XIX). Suas principais obras foram *La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l'époque de Philippe II* (1949) e *Ecrits sur l'Histoire* (1969). Interessante que o próprio Braudel era conhecedor da metodologia da história de Ibn Khaldun (1332-1406) e o considerava o pioneiro na história das civilizações. 3. Nos finais dos anos de 1970 e início de 1980 ocorreu uma virada para uso intenso da história das mentalidades, história do imaginário e mais ainda da interdisciplinaridade pela intitulada *Nova História*. Os dois historiadores mais conhecidos deste período são Jacques Le Goff (1924-) com sua obra inovadora *La Naissance du purgatoire* (1981) e Georges Duby (1919-1996) com sua fundamental obra *Les trois ordres ou L'imaginaire du féodalisme* (1978). Interessante ressaltar que muitos destes historiadores eram medievalistas e pensavam sobre a teoria e a metodologia da história de seu tempo a inovando.

⁹ DUBY, Georges. *O Domingo de Bouvines*. 27 de julho de 1214. Tradução de Maria Cristina Frias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, ed. 1973, p.29.



ótica. Para interpretar corretamente o caráter oficial do acontecimento, convém questionar esses relatos, também eles muito diretos¹⁰.

O pensamento de Georges Duby no trecho acima é enriquecedor na medida em que aponta a importância do testemunho na História (no caso, o olhar de Guilherme, o Bretão) e a relativização dos pontos de vista. Lembremos nesse ínterim que George R. R. Martin ao logo da obra das *Crônicas* ressalta a importância do homem conhecer a sua história (uma mimesis do seu ambiente fictício da realidade). Assim, Duby nos indica a compreensão da História e de suas fontes de informação. Mas o que seria a guerra no medievo?

A guerra difundia-se pelos interstícios de uma rede de discursos dos quais era sempre ou preparação ou seqüela – o que explica igualmente a preocupação de não matar. Na realidade, a guerra nunca solucionava nada. O que solucionava eram as palavras e os juramentos trocados depois do combate. As expedições de saque não passavam de injúrias que interrompiam durante certo tempo os ‘parlamentos’. Enquanto, ao contrário, a batalha, o ‘praelium’, se estabelece no centro mesmo de uma deliberação pacífica¹¹.

A Igreja era o agente da pacificação nas guerras e batalhas através das ações dos monges. Como vimos a guerra era um processo de animosidade mais complexo e as batalhas são acontecimentos mais simples. É importante destacar, como Georges Duby nos lembra, a conquista de proveitos e terras resultantes depois de vencer uma batalha era essencial para os grupos armados.

Em *As Três Ordens ou O Imaginário do Feudalismo* (1978) Duby mescla a concepção de imaginário com a movimentação dos grupos sociais, isto foi algo que mudou uma anterior concepção estática e ainda tradicionalista na França. Também esta obra possui reflexos do movimento intelectual francês de *Mai de 1968* em Paris e que propagou deste esse momento em diante a relativização das propostas conservadoras. Vamos aos momentos fundamentais de *As Três Ordens*:

Ora há duas frases latinas, eco uma da outra, que nos dão uma imagem muito semelhante da sociedade perfeita. Duas frases que podemos traduzir assim:

¹⁰ DUBY, Georges. **O Domingo de Bouvines**. 27 de julho de 1214. Tradução de Maria Cristina Frias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, ed. 1973, p.85.

¹¹ DUBY, Georges. **O Domingo de Bouvines**. 27 de julho de 1214. Tradução de Maria Cristina Frias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, ed. 1973, p.157.



‘Tripla é pois a casa de Deus que se crê una: em baixo, uns rezam (*orant*), outros combatem (*pugnant*), outros ainda trabalham (*laborant*); os três grupos estão juntos e não suportam ser separados; de forma que sobre a função (*officium*) de um repousam os trabalhos (*opera*) dos outros dois, todos por sua vez entreajudando-se¹².

Na primeira demonstração, o historiador Georges Duby indica o seguinte quadro clássico:

<i>ORANT</i>	OS QUE REZAM
<i>PUGNANT</i>	OS QUE COMBATEM
<i>LABORANT</i>	OS QUE TRABALHAM

Georges Duby apontou em sua pesquisa em *As Três Ordens* que esta esquemática social fazia parte de uma tradição discursiva construída no século XI por Adalberão, bispo de Laon e por Gerardo, bispo de Cambrai:

Demonstrou que, desde a origem, o gênero humano e dividiu em três: as gentes de oração (*oratoribus*), os agricultores (*agricultoribus*) e as gentes de guerra (*pugnatoribus*); fornece evidente prova de que cada um é o objeto, por parte dos outros dois, de um recíproco cuidado’. Três funções pois, todas elas semelhantemente conjugadas. Desta vez, a proclamação vem do fundo dos tempos. Foi formulada nos anos vinte do século XI por Adalberão, bispo de Laon, e por Gerardo, bispo de Cambrai, seiscentos anos antes de Loyseau e novecentos anos antes do senhor de Torquat¹³.

Mas este quadro não era tão fixo assim efetivamente... Para Georges Duby a sociedade medieval não era definida neste aspecto estático de forma determinada, pois haveria uma movimentação interna. Há um movimento na sociedade e, por conseguinte, na

¹² DUBY, Georges. *As Três Ordens ou O Imaginário do Feudalismo*. Tradução de Maria Helena Costa Dias. Lisboa: Éditions Gallimard, ed. 1978, p.16-17.

¹³ DUBY, Georges. *As Três Ordens ou O Imaginário do Feudalismo*. Tradução de Maria Helena Costa Dias. Lisboa: Éditions Gallimard, ed. 1978, p.17.



sua ordem social em que os senhores e membros da Igreja ficavam vigilantes. Por exemplo: Os camponeses poderiam tornar-se cavaleiros através de participações em “justas” (embates) e torneios. Tal como na obra literária de Martin em que o ritual de vassalagem se apresenta seguindo ordens (1. Dos *meistres*; 2. Reis, senhores, cavaleiros; 3. Os camponeses e foras da lei)¹⁴.

Em *As Três Ordens* Duby também explana sobre a Paz de Deus, tática decisiva para salvaguarda das terras:

O projeto elaborara-se em 989-990 em Charrou, no Poitou, e em Narbona; afirmara-se em 994 em Limoges, no Puy, em Ansa, perto de Lião. Tinha por finalidade defender os direitos temporais das igrejas, nessa região onde a avidez dos poderosos já não era refreada pelo monarca, onde as gentes de guerra começavam a sangrar ‘o povo desarmado’ e isto até no interior dos domínios eclesiásticos¹⁵.

As regras para os cavaleiros se casarem e terem uma família era intensamente propagada pela Igreja no medievo. Principalmente no século XIII, segundo Georges Duby, houve a necessidade de diminuir a violência dos cavaleiros os regrado através do cristianismo e com a ação dos casamentos. Essa ação dos casamentos como tentativas apaziguadoras da violência entre as Casas está presente em toda a Crônica de Martin. Destarte, Duby sinaliza em *O Cavaleiro, a Mulher e o Padre: o casamento na França feudal (1981)*:

Digo bem: instalação, e que se revelou difícil. Notamos que a imagem, ao passo que se clarificava, se ia modificando. A seguir ao ano 1000, no momento em que o historiador assinala as primeiras proclamações de uma teoria da sociedade atribuidora a três categorias de homens de três funções complementares, ele descobre, confrontadas, duas concepções do bom casamento, a que desde há muito guiava a conduta dos guerreiros, a que também desde há muito tentavam os sacerdotes fazer aceitar; ele distingue que, num primeiro tempo, ambas se endureceram; cerca do ano 1100, o conflito parece atingir a sua plena intensidade; depois apazigua-se; no dealbar do século XIII, quando a ideologia das três ordens se torna um dos esteios do poder monárquico, o acordo é estabelecido. O modelo

¹⁴ Esse sentido social fica ainda mais evidente no livro 4: MARTIN, George R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo (4: O Festim dos Corvos)**. Tradução de Jorge Candeias. São Paulo: Leya, (edição de colecionador, 2014).

¹⁵ DUBY, Georges. **As Três Ordens ou O Imaginário do Feudalismo**. Tradução de Maria Helena Costa Dias. Lisboa: Éditions Gallimard, ed. 1978, p.158.



que a Igreja propunha triunfou do outro? O cristianismo transformou a sociedade?¹⁶.

Na afirmação anterior de Georges Duby notamos como a ideologia das três ordens formatou as sociedades medievais do Ocidente. A instituição eclesiástica e sua forte unidade cristã teriam contribuído para a expansão de um estilo feudal. Já no século XIII observamos o fortalecimento do poder temporal dos reis e da nobreza, mas o feudalismo continuaria em longa duração, existindo até o século XVII. Esta obra de Georges Duby *Guilherme Marechal ou O Melhor Cavaleiro do Mundo* (1984) aproximou um público bastante amplo de sua pesquisa histórica. Com uma narrativa instigante, Duby inspirou-se no estilo de Michelet e trouxe novamente para a história a paixão da profissão de historiador. Iniciou a narrativa de *Guilherme Marechal* com a técnica do *flashback* (noção de tempo do presente ao passado):

O Conde Marechal não agüenta mais. Agora se sente esmagado pelo cargo. Faz três anos, quando o instavam para assumir a regência, que ele terminou aceitando ante tão forte insistência, tornado-se 'guardião e senhor' do rei-menino e de todo o reino da Inglaterra...¹⁷.

Guilherme Marechal (1146-1219) serviu os seguintes reis da Inglaterra: Henrique II (1133-1189), Ricardo Coração de Leão (1157-1199), João Sem-Terra (1166-1216) e Henrique III (1207-1272). O *Rei-menino* citado por Georges Duby era: Henrique III (1207-1272). De vida longa, Guilherme Marechal foi o exemplo de um indivíduo que se movimentou dentro do discurso proposto pela esquemática ordenadora das três ordens (se fez na vida através de justas pois não era o primogênito) e se tornou o produto-modelo do que representava um cavaleiro medieval sob a observância atenta de Georges Duby. A

¹⁶ DUBY, Georges. **O Cavaleiro, a Mulher e o Padre**. Tradução de G. Cascais Franco. Lisboa: Publicações Dom Quixote, ed. 1988, p.199.

¹⁷ DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**. Tradução de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, ed. 1987, p.7.



preocupação na literatura de George R. R. Martin também está na continuidade das Casas e por isso o livro 5 nos deixa com a problemática do futuro dos Targaryen¹⁸.

Desta feita esperamos ter estimulado o leitor a partir de nosso estudo a buscar conhecer um pouco mais os principais subtextos medievais tratados por George R. R. Martin e vistos pelo historiador Georges Duby nas obras analisadas. Pois que o Medievo em sua totalidade foi Vivo como será para sempre o olhar agregador, plural, apaixonado e dinâmico tanto na literatura de George R. R. Martin como foi para o estudo da história por Georges Duby.

Referências Bibliográficas

DUBY, Georges. **O Ano Mil**. Tradução de Teresa Matos. Lisboa: Edições 70, ed. 1986.

DUBY, Georges. **O Domingo de Bouvines**. 27 de julho de 1214. Tradução de Maria Cristina Frias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, ed. 1973.

DUBY, Georges. **As Três Ordens ou O Imaginário do Feudalismo**. Tradução de Maria Helena Costa Dias. Lisboa: Éditions Gallimard, ed. 1978.

DUBY, Georges. **O Cavaleiro, a Mulher e o Padre**. Tradução de G. Cascais Franco. Lisboa: Publicações Dom Quixote, ed. 1988.

DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**. Tradução de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Graal, ed. 1987.

MARTIN, George R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo (1: A Guerra dos Tronos)**. Tradução de Jorge Candeias. São Paulo: Leya, (edição de colecionador, 2014).

MARTIN, George R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo (2: A Fúria dos Reis)**. Tradução de Jorge Candeias. São Paulo: Leya, (edição de colecionador, 2014).

¹⁸ MARTIN, George R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo (5: A Dança dos Dragões)**. Tradução de Jorge Candeias. São Paulo: Leya, (edição de colecionador, 2014).



MARTIN, George R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo (3: A Tormenta de Espadas)**. Tradução de Jorge Candeias. São Paulo: Leya, (edição de colecionador, 2014).

MARTIN, George R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo (4: O Festim dos Corvos)**. Tradução de Jorge Candeias. São Paulo: Leya, (edição de colecionador, 2014).

MARTIN, George R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo (5: A Dança dos Dragões)**. Tradução de Jorge Candeias. São Paulo: Leya, (edição de colecionador, 2014).

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Jules Michelet. **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. MALERBA, Jurandir (org.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.